

ELEMENTOS DE HISTORIOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ELEMENTS OF PORTUGUESE HISTORIOGRAPHY

Por:

Albeiro Mejia Trujillo

e-Revista Facitec, v.5, n.2, Art.6, jan-jul 2011.

http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistafacitec@facitec.br. A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site www.facitec.br/erevista.

e-Revista Facitec ©2007 Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas

**Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília*



ELEMENTOS DE HISTORIOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ELEMENTS OF PORTUGUESE HISTORIOGRAPHY

RESUMO

Sem a pretensão de apontar elementos novos para a ciência da linguagem, emerge este texto como um trabalho de revisão no campo da historiografia da língua portuguesa. A quase absoluta extinção das disciplinas filologia românica e gramática histórica dos currículos escolares dos cursos de letras no Brasil, assim como a morte ou limitação por causa da idade avançada do número reduzido de filólogos brasileiros chamaram, entre outros motivos, a atenção para o fato da necessidade de resgatar, pelo menos parcialmente, alguns elementos referentes à historiografia do Português. Idioma de cultura, de traços seculares, vem ampliando seus domínios como língua oficial, nacional e materna. Ocupando o quarto lugar entre as línguas mais faladas do planeta, destaca-se por sua importância política e cultural com presença nos cinco continentes da terra. Começando por uma passagem histórica, informa-se, seguidamente, as principais transformações da Lusitânia Românica para, destacando o período de unidade galaico-portuguesa, expor os aspectos de maior realce das leis fonéticas que interferiram na formação da Língua Portuguesa para, mostrando como os Metaplasmos enquanto denominação genérica para todas as transformações fonéticas sofridas por uma língua no seu decurso histórico ajudam a compreender o estado atual da Língua Portuguesa no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Romanização; Leis Fonéticas; Metaplasmos; Filologia.

ABSTRACT

Without intending to point out elements for the new science of language, this text emerges as a review work in the field of historiography of the Portuguese language. The almost complete extinction of the disciplines Romance philology and historical grammar school curriculum of the courses of letters in Brazil, as well as death or limitation because of the advanced age of the few Brazilians philologists, among other reasons, attention to the fact that need to recover at least partially, some aspects of the historiography of Portuguese. Cultural language with secular traits, has been expanding its areas as the official, prime and national language. Ranking fourth among the most widely spoken languages in the world, stands out for its political importance and cultural presence in five continents of the earth. Beginning with a historic passage, it is reported, then the main changes to the Romanesque Lusitania, highlighting the period of Galician-Portuguese unit, exposing the aspects of greatest enhancement of the phonetic laws that interfere with the formation of the Portuguese Language, showing how the Metaplasms as generic name for all the phonetic changes undergone by a language in its historical course help you understand the current state of the Portuguese language in the world.

KEYWORDS: Romanization; Phonetic Laws; Metaplasms; Philology.



INTRODUÇÃO

O surgimento de diversas nomenclaturas, para designar o instrumento de organização e estruturação das línguas (gramática), tem gerado dúvidas quanto à existência e valor funcional de instrumentos explicativos e descritivos dos usos da língua. Estudiosos da Língua Portuguesa, e de modo particular aqueles que se dedicam ao estudo da gramática, vêm firmando a convicção de que esta não faz parte da Linguística. Entretanto, as gramáticas, de modo geral, estruturam-se na base da descrição fonética, morfológica, sintática e prosódica da língua que, por sua vez, constituem elementos centrais da pesquisa linguística.

Entre as diversas linguagens desenvolvidas pelo ser humano, a língua nas suas modalidades oral e escrita representa um dos mais significativos avanços para a estruturação dos sistemas sociais. Todavia, a língua meramente falada carece de estabilidade, embora seja justamente este elemento o principal responsável pela evolução da língua e tudo aquilo que ela representa para a constituição da identidade cultural de um povo.

A língua escrita representa a permanência histórica dos elementos constitutivos das diversas sociedades e seus modos de existência. A formalização da língua escrita possibilita a comunicabilidade institucionalizada dentro de padrões fixos e consensuais. A diferença entre dialeto e língua e, entre línguas pidgins, crioulas, regionais e nacionais está determinada pela existência de instrumentos que ofereçam o maior número possível de alternativas para a satisfação das necessidades comunicativas da sociedade em determinado tempo e espaço. A gramatização e a dicionarização da língua são dois grandes aliados para a compreensão e descrição dos usos do idioma conforme as necessidades linguísticas surgidas ao longo da história de uma nação.

O estudo aqui relatado mostra a fundamental importância de que se revestem os estudos gramaticológicos ao conseguir estabelecer



relações conceituais que permitem valorizar a gramática como instrumento de descrição dos usos da língua, em um momento em que a ciência da linguagem utiliza a nomenclatura “normativa” para caracterizar as gramáticas que se pautam nos princípios de “clareza e precisão nas definições, coordenação lógica dos factos grammaticaes, dosagem conveniente (...)” (PEREIRA, 1907, p. III), além de classificações e definições das estruturas da língua.

A noção de “Gramática Normativa” passou a ter um caráter pejorativo em amplos domínios relacionados com os estudos da Língua Portuguesa no Brasil e, por isso, uma abordagem histórico-comparativa que alicerce a **gramática** enquanto instrumento geral de descrição da língua, valorizando as suas modalidades de exposição e reflexão relacionadas com os fatos linguísticos, apresenta contribuições significativas para o desenvolvimento de futuros estudos vinculados aos processos históricos de formalização da língua escrita.

Proto-História da Língua Portuguesa

A língua Portuguesa integra o grupo das chamadas línguas neolatinas (que se originaram do Latim), e as circunstâncias históricas em que surgiu e se desenvolveu esse novo idioma (Português) estão intimamente ligadas a fatos que pertencem à história geral da Península Ibérica. Dois povos habitavam a península antes dos romanos: O Cântabro-Pirenáico do qual proveio o Ibero e, um povo do mediterrâneo do qual se formara o Basco. Pela importância do primeiro, os historiadores gregos chamaram a região de Ibéria.

Os romanos penetraram a península no século III a.C., porém, a sua anexação, como província, só se deu em 197 a.C. No processo de romanização, somente o povo basco não aceitou a língua latina, preferindo continuar a falar sua própria língua. A língua portuguesa provém do latim que os romanos introduziram na Lusitânia, situada ao



ocidente da Península Ibérica. O Condado Portucalense que dera origem à nação portuguesa fazia parte do reino de Leão e Castela.

Conforme Teyssier (2007), vários fatores concorreram para a romanização das populações nativas: o recrutamento dos jovens provincianos que depois de prestado o serviço ao exército, voltavam ao seio da família; o excelente sistema rodoviário romano (via Appia, rodovia que sai de Roma e vai até o sul da Itália), que permitia o fácil intercâmbio com a metrópole; o direito de cidadania concedido pelos Imperadores às urbes hispânicas; o cristianismo pregado pelos padres num latim muito acessível e que permitia certa unificação social por intermédio da língua.

O latim levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se pela força das circunstâncias: tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura "superior", e era o idioma da escola. Entretanto, o latim que se vulgarizou no território ibérico foi o do povo inculto, o *sermo vulgaris, plebeus ou rusticus*. Todavia, a modalidade denominada de *sermo urbanis* em que escreveram Cícero, Virgílio, Horácio e Ovídio fora conhecida nas escolas e mais tarde nos conventos e mosteiros, fato que é atestado por escritores hispânicos como Sêneca, Marcial, Lucano e Quintiliano.

O latim falado pelo povo foi se modificando, devido a condições ambientais, e a estas se somaram elementos como a supressão das escolas e o desaparecimentos da nobreza romana, em cujo seio se cultivava a modalidade culta da língua; além das invasões bárbaras no século V (Vândalos, Suevos, Visigodos). Da dominação germânica ficaram vestígios em mais de 200 palavras incorporadas ao nosso léxico, sendo a maioria vocábulos referentes a seus usos, costumes e onomástica.

No século VIII os árabes, depois de dominarem todo o norte da África, passaram a dominar, também, a Península Ibérica, onde permaneceram desde 711 até 1492 da nossa era, quando foram definitivamente derrotados pelos Reis Católicos Fernando e Isabel. A cultura e a ciência eram amplamente cultivadas entre os árabes, pois



protegiam as artes e as letras, assim como a medicina, filosofia, matemática, história que contavam com grandes cultores. A influência do árabe, apesar de oito séculos de dominação, conforme Silveira Bueno (1958), não foi tão significativa como era de se esperar. A maior influência se deu no campo léxico com a incorporação de aproximadamente 400 palavras de uso corrente na língua portuguesa.

Os serviços prestados por D. Henrique levaram a que D. Afonso VI, rei de Leão e Castela lhe outorgasse o condado portugalense, além da mão de sua filha Teresa. A nacionalidade portuguesa, porém, só começa com o filho de D. Henrique (D. Afonso Henrique), em 1139. Da independência política de Portugal resultou a diferenciação entre o Português e o Galego em 1250 (antigo galaico-português).

Segundo Coutinho (1976), a época histórica do português divide-se em duas fases: arcaica (século VII ao XVI), e moderna (a partir do século XVI até os nossos dias). No século XVI surge a primeira gramática disciplinando a língua portuguesa que foi escrita por Fernão de Oliveira em 1536, seguida pela Gramática de João de Barros escrita em 1539.

Lusitânia Românica

Todos os idiomas, desde o momento em que começam a ter obras literárias, em que as expressões são mais cuidadas, escolhidos os vocábulos, com regências, concordâncias e colocações de palavras na frase e de frases no período, submetidas a certa disciplina, criam imediatamente os dois tipos de língua: o tipo literário cujas características principais são o artificialismo e o conservantismo e; o tipo vulgar caracterizado pela espontaneidade e a criação de neologismos. Na escala das perfeições e das liberdades existe, ainda, um terceiro tipo denominado de rústico ou plebeu que se caracteriza, principalmente, por seu vocabulário muito limitado, quase sempre alterado foneticamente,



tendendo à gíria. As metáforas e as figuras são os recursos comuns do plebeu para suprir a falta de expressões adequadas.

O tipo vulgar evolui sempre, como expressão de uma língua viva que é, menos submetido a regras e princípios, com certa indisciplina e mobilidade, acolhendo modificações de última hora. O tipo literário tende a fixar-se, a servir de modelo e de padrão para as realizações artísticas. Não são, porém, duas línguas diferentes, mas dois tipos da mesma língua; nem há entre ambos absoluta separação que não seja essa de maior apuro de expressões no literário e mais liberdade no vulgar. O tipo vulgar procura aproximar-se do literário como tendência natural de aperfeiçoamento. Por sua vez, o tipo literário serve-se do vulgar como fonte de inovações lentamente aceitas pelos escritores.

De acordo com Silveira Bueno (1958), o latim que penetrou na Ibéria, no século III antes de Cristo, pertencia ao tipo vulgar e rústico. Vulgar falariam os comandantes, os escrivães, a gente encarregada da burocracia. Rústico as demais pessoas que faziam parte das legiões romanas. O latim literário só aparecerá muitos séculos depois quando a Hispânia já podia imitar os modelos de Roma: não só imitar, mas sustentar o facho das letras, oferecendo à metrópole os seus poetas, os seus prosadores, os seus filósofos. Celtas e Iberos, nessa fusão denominadora de celtiberos, tiveram de aprender o latim rústico, plebeu para elevar-se até o vulgar e polido na escola. Das imperfeições do aprendizado idiomático provieram as quatro línguas românicas da península: o castelhano, o catalão e o galaico-português que, em 1250 se dividem dando origem ao Galego e ao Português.

Na România Ocidental, de que fazem parte o norte da Itália, a Gália, a Provença, a Hispânia e a Lusitânia, a base da maioria das transformações do latim foi a alteração da acentuação silábica por meio de síncopes que reduziu a maioria dos proparoxítonos a paroxítonos: Hom(in)es (homens); tabu(l)a (tabua); monachus – mon(a)co(ge) (monge).



No latim plebeu a síncope era comum nas vogais ante e pós-tônicas:

Aurícula (auricla – oricla); Mulíere (mulher). Seguindo a mesma tendência continua a língua vulgar a dizer corgo, abobra, canfro enquanto a língua literária, procurando aproximar-se das formas latinas clássicas emprega córrego, abóbora, cânfora. No deslocamento da sílaba tônica muitas palavras passaram a oxítonas como se verifica nos verbos correr (consúere), bater (battúere), dizer (dícere); e no substantivo mulher (mulíere).

As oclusivas surdas e fortes *p,t,c* quando posicionadas entre vogais passaram a sonoras e fracas: *b,d,g* atingindo este fenômeno fonético a mesma posição semi-intervocálica desde que a consoante seja *r*. Exemplos: Patrem = padre; aquam = água; aquilam = águia; populum = povo; cattum = gato; caviolam = gaiola.

Quando as consoantes intervocálicas já eram sonoras, desapareciam, por síncope, em português, normalmente em se tratando de *b, d, g, l, n* e, às vezes, *r*: ibi = ii = y (longo) e, depois, aí; gradum = grau; regem = rei; coelum = céu; lanam = lãa = lã; patrem = padre = paire = paie (fala infantil) = pai; proram = prora = proa. O grupo consonantal latino *ct*, não precedido de nasal, evoluiu para *it, ut*: noctem = noite; actum = aitum = auto; octo = oito.

Os grupos formados por momentânea mais aproximante *l*: *cl, fl, pl, tl*, palatizaram-se em *ch*: clamare = chamar; flagrare = cheirar; plicare = chegar; catlu = cacho. Algumas vezes a palatização foi *lh* como em tegla = telha; oviclam = ovelha; oclum = olho; coagulare = coalhar; coaglu = coalho. Esta palatização em *lh* provém mais frequentemente da posição da aproximante *l* junto a *i*: filium = filho; folia = folha; muliere = mulher. A líquida *l*, quando velar, vocaliza-se em *u, i*: multum = muito; talpam = taipa; falcem = fauce = fouce; calcem = cauce; caule = cauve = couve.

Segundo a tendência da língua, de reduzir todas as palavras paroxítonas, o período arcaico empregou muitas vezes a hipértese ou



metátese que é a transposição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo: corium = corio = coiro; rabiam = ravia = raiva; sapio = sábio = saibo de que hoje temos apenas o composto ressaibo; capiam = cabiam = caiba.

Como consequência de todos estes fenômenos experimentados pelo latim na Lusitânia: mudança de acentuação tônica, sonorização das surdas, síncope das sonoras, vocalização da gutural surda *c*, a da líquida *l*, da metátese do *i*; a dialeção do latim vulgar neste território apresentou, desde os seus primeiros tempos, um caráter muito acentuado de suavidade, em face do castelhano e do catalão. Tal caráter de suavidade acentuou-se ainda mais com a segunda e importantíssima consequência dos fatos fonéticos, há pouco enunciados, que foi a numerosa ditongação do português. Esta feição do nosso idioma o aproxima do francês assim como acontece também com a nasalidade, embora venha de processos diferentes.

Mesmo quando a nasal tendia a desaparecer, deixava seu vestígio na nasalização da vogal anterior: lanam = lana lãa = lã; unum = ũu = ũ = um; finem = f ãi = f ã = fim; bene = bẽe = bẽ = bem. A ditongação é outro fenômeno bastante corrente no português e acontece no chamado processo de assimilação, que acontece inclusive dentro dos próprios ditongos, fenômeno chamado de *reciprocidade*: ai = ei, au = ou. Talpa = taipa = teipa (forma viva no Brasil); factum = feito = feito; lacte = laite = leite; aurum = auro = ouro; taurum = tauro = touro. A tendência da fala rústica é a de chegar à monotongação: oro, toro, loro, coro, idea, tea, fea etc.

Aspectos do Galego-Português

Uma das características que apresentava a língua portuguesa, no final do século XV, segundo Silveira Bueno (1958), era o Vocalismo. Encontrava-se na língua uma extensa gama vocálica bastante simples em



comparação com o tipo de expressão moderna da língua portuguesa. Aproxima-se do vocalismo brasileiro que nos veio, justamente, com os primeiros povoadores de 1500 que falavam o tipo de língua, hoje, classificado como arcaico. A língua portuguesa nesse período não tinha os matizes fonéticos do português europeu atual, que tanto dificultam o entendimento oral aos luso-falantes brasileiros. O português europeu moderno aproxima-se pelas tonalidades vocálicas, do francês moderno, ao passo que a expressão brasileira, pela ausência desses semitons, pela clareza e simplicidade de seu sistema vocálico, assemelha-se ao espanhol atual. Daí vem a já notável diferenciação fonética entre as expressões dos dois países do mesmo idioma.

Outro aspecto importante da língua portuguesa nesse período foi o Consonantismo. Não é razoável tomar como ponto de desenvolvimento fonético do português o consonantismo latino clássico. Isso porque já no século VI e VII não se podia falar de latim senão vulgar e quase todas as alterações fonéticas mais importantes se encontravam feitas. Na Ibéria foi o reino asturo-leonês no qual o latim vulgar se manteve por mais largo tempo até os séculos X e XI, exercendo grande influência na formação do galego-português.

O latim clássico deveria ter a pronúncia gutural do "g" e do "c" com todas as vogais: *Caballus, Corpus, Cura, Cera, Citu, Gutta, Fugere, Gelu, Gingiva*. Na passagem para o português segue-se a fonética do latim vulgar em que acontece a palatização do "g" e do "c" diante de "e" e "i": Certo = certo que soa çerto; Cincta = cinta = çinta; Gente = gente que soa jente; Gingiva = gengiva = jenviva.

Leis Fonéticas

As leis fonéticas, conforme Coutinho (1976), são princípios constantes que presidem à evolução dos vocábulos e estão condicionadas ao espaço e ao tempo. As consideradas exceções às leis fonéticas nada



têm de comum, pela formação, com os fenômenos previstos pela lei: é bem evidente, por exemplo, que as palavras de criação erudita ou de origem estrangeira não podem obedecer às leis fonéticas que, antes da época da sua formação, modificaram as palavras populares.

As modificações das palavras provêm dos meios precários que nos levam ao conhecimento de um idioma: a imperfeição das imagens auditivas e a incapacidade de reproduzir, com fidelidade, os sons ouvidos. Não se pode representar a transmissão da linguagem por um todo contínuo, uma reta, por exemplo, em que o indivíduo que fala e o que ouve ocupem as extremidades. Antes, o que se observa é uma completa descontinuidade nessa transmissão, devendo, por isso, cada geração que surge, fazer as mesmas tentativas que as anteriores, para a posse da linguagem.

O sistema fonético da criança, em fase de formação dos órgãos emissores e receptores, depois do longo e difícil aprendizado dificilmente será igual ao dos pais. As crianças que aprendem a falar, não recebem a língua inteiramente feita, pois somente podem reproduzir aquilo que ouvem, e é inevitável que os matizes mais delicados escapem à sua atenção. Pela descontinuidade natural da linguagem a sua transmissão dá lugar às mais variadas modificações.

As causas das mudanças fonéticas são as mesmas para toda uma geração colocada num lugar dado e numa dada época, nas mesmas condições sociais, climáticas, biológicas etc., que produzem em todos os mesmos efeitos. Essas transformações apresentam um tríplice caráter:

a. são inconscientes: As modificações que se observam nos vocábulos de uma língua são alheias à vontade do povo. Falamos segundo as tendências próprias da época em que vivemos. Essas tendências podem variar, o que explica a diversidade de tratamento às vezes dado aos vocábulos de uma língua, no curso de sua história.

b. são graduais: A evolução das palavras se processa segundo a lei natural: *natural non facit saltus*. Não raro se forma idéia errônea da



evolução dos vocábulos, quando se cotejam formas latinas com as atuais portuguesas, que daquelas se originaram. Faz-se mister, antes de mais nada, restabelecer todos os elos da cadeia evolutiva, com a citação das formas intermediárias, para que se veja como se processou gradativamente essa evolução. As alterações manifestadas nos últimos estágios de uma língua estavam em germe nos estados anteriores.

c. são constantes: Foram os *neogramáticos* que assinaram este caráter de constância às leis fonéticas. Da regularidade das transformações é que se tornou possível a generalização de leis fonéticas. Sempre que um fonema se encontre em determinada circunstância, ele deve modificar-se do mesmo modo.

São três as leis que presidiram à evolução das palavras portuguesas:

1. **Lei do menor esforço** (também chamada da *economia fisiológica*): É uma lei universal que se aplica a todos os ramos da atividade humana. Caracteriza-se pela simplificação dos processos, empregados pelo homem, na realização de sua obra. Como lei fonética, a *lei do menor esforço* se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras. As modificações e quedas de fonemas se deram em obediência a esta lei, podendo-se dizer que a *lei do menor esforço* visa à eufonia e ao ritmo. O princípio de transição alicerça-se nesta lei e pode generalizar-se no fato das consoantes intervocálicas sonoras latinas, em Português, geralmente caírem.

2. **Lei da permanência da consoante inicial**: A fonética histórica mostra que a evolução das consoantes depende da posição que elas ocupam na palavra: oclusivas surdas (p, t, c) que se transformam em sonoras fracas (b, d, g); enquanto as consoantes mediais e finais estão sujeitas a freqüentes sonorizações ou quedas; as consoantes iniciais passam integralmente ao Português, com raras exceções.



3. **Lei da persistência da sílaba tônica:** As palavras portuguesas conservam a mesma acentuação tônica do latim. No meio das transformações e quedas dos fonemas, foi o acento tônico que guardou a unidade da palavra, ameaçada de perecer, pois, já que este acento obriga a uma pausa mais demorada da voz na sílaba sobre que inicia, evidente se torna que esta devia resistir. Os exemplos que se têm em oposição a esta lei, dos quais alguns remontam ao latim vulgar, são devidos a *causas fonéticas, morfológicas, e analógicas*.

a. **Causas Fonéticas:** O deslocamento do acento tônico, que se observa em português, dá-se:

- Em palavras latinas em que aparece *i* ou *e* tônico em hiato, ou seja, seguido de outra vogal. O latim vulgar, na sua tendência para evitar o hiato, deslocou o acento tônico para a última vogal, reduzindo-as frequentemente por crase a uma só, que era a última. Alguns filólogos explicam este deslocamento pela regra fisiológica segundo a qual, de duas vogais contíguas, a mais sonora é a que vem a predominar. Vejamos alguns exemplos:

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
Mulíere	Muliére	Mulher
Paríete	pariète (parete)	Parede
Ascíola	Ascióla	Enxó
Lintéolu	Linteólu	Lençol

- Nos polissílabos, em que no latim havia vogal em “posição débil” a qual era seguida de grupo consonantal formado de muda (*p, b, t, d, c, g*) e líquidas (*l, r*). A sílaba em que figurava esta vogal era considerada comum no latim clássico, isto é, podia ou não receber o acento, segundo as necessidades do verso. Na prosa, porém, era átona. O latim vulgar tornou-a tônica, e o português conservou a acentuação do latim vulgar conforme os seguintes exemplos:

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
Íntegru	Cáthedra	Ténebras
	Cólubra	



Intégru	Tenébras	Cadeira
Cathédra	Português	(Culebra) Cobra
Colóbra	Inteiro	Trevas

- Em vocábulos que deviam terminar, de acordo com a etimologia, em â tônico final fechado, se a língua portuguesa os tolerasse. Neste caso estão *quinta*, *campa* e *venta* que no período arcaico, soavam respectivamente *quintãa*, *campãa* e *ventãa*. Sua origem é o latim *quintana*, *campana* e *ventana*.

b. **Causas Morfológicas:** No latim vulgar, operava-se a transposição do acento tônico para o segundo elemento, quando a palavra era composta e havia consciência da composição. Explica-se isso pelo fato de encerrar o segundo elemento a idéia principal. O português conservou a acentuação do latim vulgar. Vejamos alguns exemplos:

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
Óbligo (ob-ligo)	Oblígo	Obrigo
Révoco (re-voco)	Revóco	Revogo
Rénego (re-nego)	Renégo	Renego
Ímplico (in-plico)	Implíco	Emprego

c. **Causas Analógicas:** A ação que umas palavras exercem sobre as outras é causa de que se encontre, às vezes, discordância entre a acentuação latina e a portuguesa como veremos:

- Os nomes *judice*, *varice* e *cytuce*, proparoxítonos no latim clássico, tornaram-se, por influência da terminação *íce* os dois primeiros e por analogia com *cupressu* o último, paroxítonos no latim vulgar e; oxítonas em português, com exceção da terceira.

Latim Clássico	Latim Vulgar	Português
Júdice	Judíce	Juiz
Várice	Varíce	Variz
cýtisu	Cutessu	Codesso

- Muitas palavras, em vez da acentuação latina, tomaram entre nós a grega:



Latim	Grego	Português
Aconítum	Akóniton	Acônito
Órgia	Orgia	Orgia
Astrológia	Astrologia	Astrologia
Astronómia	Astronomia	Astronomia
Anatéma	Anáthema	Anátema
Theória	Theoría	Teoria
Idólum	Eídon	Ídolo

- Os verbos da terceira conjugação clássica latina *ēre* identificaram-se por analogia com os da segunda *ēre* no latim vulgar da península.

Latim Clássico

Dícere

Sápere

Cápere

Fácere

Latim Vulgar

Dicére

Sapére

Capére

Facére

Português

Dizer

Saber

Caber

Fazer



- Na 1ª e 2ª pessoa do plural do imperfeito, mais-que-perfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo, houve deslocamento, por influência da acentuação das três pessoas do singular.

MODO INDICATIVO		MODO SUBJUNTIVO
Imperfeito	Mais-que-perfeito	Imperfeito
amábam = amava	lé(g)eram = lera	puni(ví)ssem = punisse
amábas = amavas	lé(g)eras = leras	puni(ví)sse = punisses
amábat = amava	lé(g)erat = lera	puni(ví)sset = punisse
amabámus = amávamos	le(g)erámus = lêramos	puni(vi)ssémus = puníssemos
amabátis = amáveis	le(g)erátis = lêreis	puni(vi)ssétis = punísseis

Metaplasmos

Metaplasmos é uma designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras. Os metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Tais modificações não somente se deram do Latim para o Português, mas se dão no interior do próprio idioma, fato que se evidencia ao analisar as vozes de épocas distanciadas.

É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo (Coutinho, 1976, p. 143).

Todas as modificações sofridas na língua podem ser motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonemas e ainda pela transposição de fonemas ou do acento tônico. Os Metaplasmos dividem-se em quatro grupos:

1. Metaplasmos por permuta: Consistem na substituição de um fonema por outro e se dividem em:



a) Sonorização: é a troca de um fonema surdo por um fonema sonoro homorgânico. Dá-se a sonorização, em português, dos seguintes fonemas latinos, quando colocados entre vogais:

- P > B: *lupu* > *lobo*;
- T > D: *cito* > *cedo*;
- C > G: *acutu* > *agudo*;
- F > V: *profectu* > *proveito*.

b) Vocalização: É a transformação de um fonema consonantal num fonema vocálico. As consoantes *b, c, l, n, p*, nos grupos *ct, lt, lc, lp, pt, bs, gn, pt*, transformam-se em *i* ou *u*, ao passarem do latim para o português:

- CT: *octo* > *oito*
- LT: *multu* > *muito*
- LC: *falce* > *fouce* = *foice*
- LP: *palpare* > *poupar*
- PT: *conceptu* > *conceito*
- BS: *absentia* > *ausência*
- GN: *regno* > *reino*
- PT: *cap(i)tale* > *caudal*

c) Consonantização: Consiste na transformação de um fonema vocálico num fonema consonantal. O *i* e o *u* transformam-se, respectivamente, em *j* e *v*: *ieiunu* > *jejum*; *iam* > *já*; *uagare* > *vagar*; *Hieronymu* > *Jerônimo*; *uiuere* > *vever*.

d) Assimilação: é a troca de um fonema por outro igual ou semelhante ao que antecede ou segue o fonema que se troca: *inregular* > *irregular*. O fonema que exerce influência sobre o outro chama-se *assimilador*; o que se modifica, *assimilado*. No exemplo acima, o fonema assimilador é o *r*, e o assimilado o *n*. A assimilação divide-se em:

- Total: quando o fonema assimilado é igual ao assimilador: *saeta* > *seeta* > *seta*.



➤ Parcial: quando entre o fonema assimilado e o assimilador existe semelhança, sem haver perfeita identidade: *tauru* > *touro*.

➤ Progressiva: quando o fonema assimilador vem antes do assimilado: *nostru* > *nosto* > *nosso*.

➤ Regressiva: quando o fonema assimilador vem depois do assimilado: *persicu* > *pêssego*.

e) Dissimilação: é a queda ou a transformação de um fonema, quando já existe na palavra fonema igual ou semelhante àquele que se modifica ou desaparece: *calamellu* > *caramelo* (transformação); *cribru* > *crivo* (queda). A dissimilação também poder ser:

➤ Progressiva: quando o fonema dissimilador vem antes do dissimilado: *prora* > *proa*.

➤ Regressiva: quando o fonema dissimilador vem depois do dissimilado: *horologiu* > *rologio* > *relógio*.

f) Nasalização (ou nasalação): consiste na transformação de um fonema oral em um fonema nasal: *mihi* > *mim*; *sic* > *si* > *sim*; *mac(u)la* > *mancha*; *matre* > *mãe*.

g) Desnasalização (ou desnasalação): é a transformação de um fonema nasal em um fonema oral: *luna* > *lua*; *corona* > *coroa*; *bona* > *boa*; *persona* > *pessoa*; *sonare* > *soar*.

h) Apofonia ou deflexão: é a modificação que sofre a vogal da sílaba inicial de uma palavra, quando se lhe acrescenta um prefixo: *in* + *amigo* > *inimigo*; *per* + *factum* > *perfeito*; *ad* + *cantu* – *accentu* > *acento*.

i) Metafonia: é a modificação do som, ou mais propriamente do timbre de uma vogal, em virtude da influência que sobre ela exerce a vogal seguinte: *décima* > *dízima*; *debita* > *dívida*;

2. Metaplasmos por aumento: consiste no acréscimo de um fonema à palavra. São os seguintes:

a) Prótese: é o acréscimo de um fonema no início do vocábulo: *stare* > *estar*; *spíritu* > *espírito*; *scribere* > *escrever*; *scutu* > *escudo*.



b) Epéntese: acréscimo do fonema no meio da palavra: *masto* > *mastro*; *stella* > *estrela*.

c) Anaptixe ou suarabácti: é a epéntese especial qu consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal: *grupa* > *garupa*; *bratta* – *blatta* > *barata*; *febrariu* > *fevereiro*.

d) Paragoge ou epítese: acréscimo de fonema no fim da palavra: *ante* > *antes*.

3. Metaplasmos por subtração: é a eliminação de fonemas na palavra. Os metaplasmos por subtração classificam-se em:

a) Aférese: perda de fonema no início da palavra: *episcopu* > *bispo*; *acume* > *cume*; *inamorare* > *namorar*.

b) Síncope: é a subtração de fonema no interior do vocábulo: *legale* > *leal*; *male* > *mau*; *opera* > *obra*; *liberare* > *livrar*.

c) Haplologia: é a síncope especial que consiste na queda de uma sílaba medial quando há outra igual ou semelhante na palavra: *idololatria* > *idolatria*; *semimimo* > *semínimo*; *bondadoso* > *bondoso*.

d) Apócope: é a queda de fonema no fim do vocábulo: *atroce* > *atroz*; *legale* > *legal*; *servum* > *servo*; *capitale* > *capital*; *mense* > *mês*.

e) Crase: é a fusão de dois sons vocálicos contíguos: *pede* – *pee* > *pé*; *legere* – *leere* > *ler*; *videre* – *veer* > *ver*; *colore* – *coore* > *cor*.

f) Sinalefa ou Elisão: é a queda do fonema vocálico no final de uma palavra quando esta se une a outra iniciada por vogal: *de* + *aquele* > *daquele*; *de* + *este* > *deste*; *de* + *um* > *dum*; *de* + *intro* > *dentro*.

4. Metaplasmos por transposição: consiste na deslocação de fonema ou de acento de uma sílaba para outra. Classificam-se em:

a) Metátese: deslocação de fonema: *pro* > *por*; *inter* > *entre*; *semper* > *sempre*; *inter* > *entre*; *super* > *sobre*.

b) Hiperbibasmo: transposição do acento de uma para outra sílaba. Subdivide-se em:



- Sístole: é a transposição do acento tônico de uma sílaba para a sílaba anterior: *pantánu* > *pântano*; *erámus* > *éramos*; *amabámus* > *amávamos*.
- Diástole: é a transposição do acento tônico de uma sílaba a posterior: *cáthedra* > *cadeira*; *íntegru* > *inteiro*; *mulíere* > *mulher*; *júdice* > *juiz*.

A Formação do Léxico Português

Há três fontes básicas do léxico português: derivação latina (as que remontam ao latim vulgar e as de formação etimológica que remontam ao latim clássico e ao grego); criação ou formação vernacular; importações ou empréstimos estrangeiros.

1. As palavras eruditas:

São consideradas palavras eruditas aquelas criadas diretamente a partir de formas latinas e/ou gregas que já haviam dado origem a outras palavras. O conhecimento das línguas clássicas foi por muito tempo uma condição à qual todo cientista teria de sujeitar-se para a criação de sua terminologia especializada e, ainda hoje, este material serve de instrumento para enriquecer o léxico científico.

2. As palavras de formação vernacular:

Os recursos mais usados no processo de criação vernacular são os da morfologia derivacional (sufixação, prefixação, e derivação parassintética) e; a chamada derivação imprópria ou conversão em que uma palavra muda de classe e passa a desempenhar outra função gramatical. Também se pode encontrar o mecanismo de “composição” em que de várias palavras se forma uma só expressão. Além da composição temos a formação de expressões complexas que geralmente recebem a denominação de locuções.

3. Campos “marginais” do léxico:



- a) Antroponímicos: a história dos prenomes usados no português do Brasil atravessou as mesmas etapas que a história da própria língua. Além dos prenomes herdados do latim como Antônio, Marcos, César, Cláudia; encontram-se nomes germânicos como Diego, Diogo, Guilherme, Roberto; é possível também encontrar prenomes de origem indígena como Moacir, Jurandir, Maíra e; prenomes africanos como Janaína. O Brasil tem sido importador de prenomes estrangeiros, assim como criador de prenomes por combinação Norberto + Walnice = Walnor.
- b) Hipocorísticos: São nomes caracterizados pela insuficiência de pronúncia infantil ou utilizados para expressar carinho: Alberto – Beto – Betinho; Alexandre – Xando, Xandinho, Xandoca etc. Na formação dos hipocorísticos sempre há mutilação do nome originário. Nessa mutilação, observa-se que geralmente se conserva a sílaba tônica como em: Joaquim – Quim, José – Zé; ou das sílabas mais importantes do nome: Antônio – Tônio, Sebastião – Tião. Também há casos de manutenção, nos hipocorísticos, de sílabas átonas no nome: Filomena – Filó, Guiomar – Guio, Beatriz – Bea (Bia). Outro processo comum nos hipocorísticos é o redobro: Zezé, Lulu, Quinquin.
- c) Patronímicos: Na idade média era praxe juntar-se ao nome de batismo o nome próprio do pai para distinguir pessoas diferentes, mas que tinham nome idêntico. Tais nomes se conhecem pela terminação, primeiro em “ez” e, depois “es” correspondente ao genitivo latino “ci”. Assim, José Fernandes significa José, filho de Fernando. Posteriormente deixaram de indicar filiação, e são hoje empregados como simples agnomes ou sobrenomes.
- d) Toponímia: Na toponímia brasileira é comum encontrar nomes de lugares de origem indígena. Muitos desses nomes descrevem a maneira como os indígenas representavam o relevo, a vegetação, ou o clima de certas localidades. Cumbica, por exemplo, significa “nuvem baixa”; Jundiáí alude a rios habitados em outros tempos por muitos bagres “jundiás”.



A Língua Portuguesa no Mundo

Sílvio Elia (2001), considera como o estágio atual da língua portuguesa no mundo, a situação da Lusitânia após a segunda guerra mundial, sendo que diferencia cinco faces da Lusitânia atual:

- Lusitânia Antiga: constituída por Portugal e pelos Arquipélagos de Madeira e Açores;
- Lusitânia Nova: corresponde ao Brasil;
- Lusitânia Novíssima: composta pelas cinco nações africanas constituídas em consequência do processo chamado de “descolonização” e que adotaram o Português como língua oficial. São essas nações: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, e São Tomé e Príncipe;
- Lusitânia Perdida: constituída pelas regiões da Ásia – Macau (na China) e Goa (na Índia) e; da Oceania – Timor Leste;
- Lusitânia Dispersa: constituída pelas comunidades de fala portuguesa espalhadas pelo mundo não lusófono, em consequência do afluxo de correntes migratórias.

Além da descrição da língua portuguesa no mundo feita por Sílvio Elia, Coutinho (1976) acrescenta algumas Crioulizações importantes como: crioulo de Zanzibar, Mombaça, Melinde, Ceilão, Mangalor, Cananor, Diu, Damião etc.

Sílvio Elia (2001) define os seguintes traços sociolinguísticos do português europeu, indicando que excluindo o primeiro traço, todos os outros se aplicam ao Português Brasileiro, acrescentando a este o traço de língua transplantada:

- O primeiro traço do português europeu é o de ser *língua-berço*: traço importante porque não se encontra em nenhuma das outras faces da Lusitânia;
- O segundo traço é o de *Língua materna*. Em Portugal há uma sensível unidade lingüística: os diversos falares pouco diferem entre si;



- O terceiro traço é o de ser *Língua oficial*. O primeiro passo nesse sentido foi dado por D. Dinis em 1290 quando decretou que a língua portuguesa fosse adotada nos atos e documentos públicos. Essa língua é a única reconhecida, até hoje, pelo Estado português como válida em sua vida política e administrativa.
- O quarto traço define o português como *Língua nacional* do povo lusitano. Quer isso dizer que a língua é falada sem contraste em toda a extensão do Portugal continental e insular. Mesmo a existência do Mirandês, em Miranda do Douro, não impede que o Português seja predominante na região.
- O quinto traço do Português é o de ser *Língua de cultura*, pois desde o século XIII já surge como língua gráfica e “literatada”, segundo descrição de Antônio Houaiss.

A importância literária do português já se encontra no lirismo do trovadorismo medieval; no Renascimento com autores como Luís de Camões e Gil Vicente; a grande voz seiscentista ecoa nas palavras do Padre Antônio Vieira; são Camilo Castelo Branco, Eça de Queiros e Garrett os autores que tornam adulto o romance português; para chegar aos grandes expoentes da contemporaneidade que são Fernando Pessoa e José Saramago entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua não se esgota num conjunto de textos escritos, nem em cada falante de uma língua, mas antes, como já afirmara Saussure, a língua só existe como um todo no conjunto de seus falantes. A língua é um instrumento vivo de comunicação e, como tal, está sujeita a variações. Não se têm registros fonológicos da expressão oral da língua portuguesa em seus primórdios havendo, tão só, especulações a respeito das possíveis formas verbais desta em diversos períodos de sua história. Somente se têm confirmações da estrutura de uma língua mediante seus



registros escritos, já que estes permanecem como prova das formas que a língua foi adotando ao longo de sua história, possibilitando os estudos linguísticos tanto na diacronia quanto na sincronia do idioma.

O desenvolvimento da língua portuguesa está intimamente ligado aos fatos gerais que constituem a história da península ibérica. Os romanos penetraram na Ibéria no século III a.C., porém o latim disseminado nas regiões conquistadas pelo império provinha de diversas fontes como os legionários, comerciantes, servidores públicos, além da própria modalidade culta. Todavia, a língua que se impôs e serviu de base para as novas línguas que surgiram no território ibérico foi o denominado latim vulgar, isto é, o falado pelo povo. Fora dos elementos provenientes do mundo romano, devem-se considerar as invasões bárbaras e a dominação árabe sobre a península ibérica que marcaram campos de influência principalmente no léxico, costumes, usos, onomásticos, topônimos, entre outros.

Embora a proto-história da língua portuguesa inicie por volta do século III a.C., consideram-se duas fases delimitadoras do nascimento do Português que são: a arcaica que corresponde ao desenvolvimento ocorrido entre os séculos VII e XVI; e a moderna que se deu depois do século XVI. O elemento que determina o surgimento de uma língua é a existência de textos escritos que obedeçam a um padrão desenvolvido pelos cultores do idioma. Na Língua Portuguesa considera-se como referência para os estudos de historiografia linguística a publicação da primeira gramática dessa língua escrita por Fernão de Oliveira, em 1536, seguida pela gramática de João de Barros, publicada em 1539. Uma gramática apresenta os elementos definidores do tipo literário de uma língua, cuja característica principal é o conservantismo, enquanto o tipo vulgar, que não é objeto de estudo da gramática, se define pela espontaneidade e liberdade na criação léxica: não se trata de duas línguas, mais de duas modalidades que se complementam e interagem permitindo a permanência, de um lado e, a evolução de outro. Quando se



fala de um tipo rústico entende-se que é uma modalidade linguística limitada nas possibilidades comunicativas que não alcança o nível de desenvolvimento do tipo literário, nem do vulgar, pois tende geralmente à gíria.

A base da maior parte das transformações do latim, em sua evolução para as línguas neolatinas, encontra-se nas alterações da acentuação silábica. As modificações fonéticas que sofrem as palavras em sua evolução são denominadas de Metaplasmos, isto é, esse termo constitui uma designação comum dada a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras. Os Metaplasmos se dividem em quatro grandes grupos que são: por permuta, aumento, subtração e transposição.

A língua portuguesa chega ao século XXI sendo falada nos cinco continentes do planeta distribuída assim: no continente europeu falada em Portugal e nos arquipélagos de Madeira e Açores; na América existe no Brasil como língua transplantada, materna, oficial, língua nacional e de cultura; na África existe como língua oficial em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, e São Tomé e Príncipe; na Ásia é falada em Macau (China), e Goa (Índia); e na Oceania que é falada no Timor Leste. A língua portuguesa no mundo conta com uma organização representada pela CPLP ou Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, da qual participam, entre outros, a Galícia cuja língua, o Galego, antes do surgimento do Português como língua independente constituía uma unidade linguística denominada de galaico-português. Além dos territórios onde se fala a língua portuguesa existem crioulizações importantes como o crioulo de Zanzibar, Mombaça, Melinde, Ceilão, Mangor, Cananor, Diu, Damião, entre outros que no processo evolutivo podem direcionar-se para a transformação em Língua Portuguesa devido à importância que esta língua tem alcançado no mundo e por ser crioulizações de base portuguesa.



REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco da Silveira. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso elementar – Adaptada ao 1.º anno dos Gymnasios aos Cursos das Escolas Complementares*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907.

TEYSSIER, Paul *História da Língua Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.